

Ações de saúde mental na escola é novidade e exceção no país



Foto: Divulgação

O ataque de dois jovens à Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano (SP), levantou o debate sobre iniciativas que incorporam a saúde mental na rotina pedagógica. Os projetos que abordam este ponto do aprendizado no país são isolados e cheio de obstáculos.

A presença de um profissional voltado para o atendimento psicossocial dos alunos nas escolas do país nunca foi uma exigência. Não só os alunos necessitam do acompanhamento psicológico, como também os professores. Levantamento realizado pela organização Nova Escola e Fundação Lemann apontam que 50% dos afastamentos de docentes são motivados por complicações referentes à saúde mental.

Até mesmo o bullying, problema reconhecidamente presente no ambiente escolar, não tinha até 2016 uma lei que regulamentasse e determinasse ações de prevenção. A falta de cumprimento chegou a fazer com que no ano passado o Congresso Nacional aprovasse uma nova lei que insere medidas para "promover a cultura de paz" entre as obrigações nas escolas.

Relacionado



O treinamento de professores e a programação de atendimento ao aluno pode mudar o cenário atual e favorecer medidas de prevenção. O especialista em habilidades socioemocionais do Projeto Semente Eduardo Calbucci destaca que falta preparo nas escolas.

"Nós professores, não fomos preparados na universidade durante a nossa formação acadêmica para lidar com essas questões socioemocionais. É um desafio enorme, porque é como se eu tivesse que consertar um avião com o avião voando", disse.

Treinamento

Calbucci trabalha com o treinamento de alguns professores para avaliar o comportamento do aluno. "A aprendizagem socioemocional envolve aprender a discordar, resolver conflito, envolve tomar boas decisões. Sabemos que tudo isso pode ser ensinado. Quando a escola opta por discutir todas essas questões, ela melhora a saúde mental dos alunos", afirma.

O especialista enfatiza que trata-se de uma medida complementar. "A aprendizagem socioemocional não vai resolver todos os problemas, mas vai ajudar professores e professoras a encaminhar esse aluno para um psicólogo ou um psiquiatra quando aquilo se tornar necessário", disse.

Para ele, treinamentos assim poderiam ser aplicados nas escolas e pequenos movimentos já fazem a diferença. "É claro que o ideal é que todos os professores fossem formados. Mas, se eu formar um professor e esse professor tiver um momento focado para discutir essas questões, os resultados com os alunos costumam ser muitos bons e muitos interessantes", afirmou.